
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (XIX)

Ulrich Huar

Capítulo II

O fracasso da estratégia

da guerra relâmpago dos fascistas 1941/42

Kiev

Sublinhamos mais uma vez que não se trata aqui de uma descrição da Grande Guerra Pátria, mas sim de contribuições de Stáline para a teoria militar e política marxista-leninista. Nesta perspectiva são apenas abordadas as fases da guerra em que as contribuições de Stáline são particularmente evidentes, isto é, houve de fazer escolhas.

Houve debates do QG entre Stáline, Júkov e o comandante-em-chefe da Frente Sudoeste, coronel-general Kirponóss¹ sobre a retirada das tropas do Exército Vermelho da cabeça-de-ponte na região de Kiev, na margem esquerda do Dniepre, no início de Setembro de 1941. A decisão tomada no QG, e em última instância por Stáline enquanto Comandante Supremo – **depois de debate!** – é avaliada na literatura militar soviética de várias formas.

As forças principais das unidades alemãs investiram no sector central em direcção a Viazma – Mojaisk – Moscovo. Os seus flancos a Norte e a Sul tiveram de ser defendidos contra poderosas unidades do Exército Vermelho. Chtemenko escreveu: «*Está agora documentado que a chefia fascista só poderia ter tomado Moscovo, se antes tivesse tomado Leningrado e tivesse formado uma frente comum com as tropas finlandesas. Uma outra condição era a derrota das nossas tropas na região de Kiev.*»²

¹ **Kirponóss**, Mikhail Petróvitch (1892-1941), membro do partido desde 1918. Foi comandante de divisão na guerra soviético-finlandesa e general comandante dos exércitos soviéticos do Sudeste na II Guerra. Foi morto em combate. (N. Ed.)

² Chtemenko, *ibidem*, Vol. I, p. 34.

A Sul estavam estacionadas unidades poderosas do Exército vermelho. Tinham formado uma forte cabeça-de-ponte na margem direita do Dniepre, à volta de Kiev. Do Norte investiu o grupo alemão blindado 2, na direcção de Konotop, do Sul o grupo blindado 1 na direcção de Lohvitsa, onde ambas as unidades blindadas se uniram a 15 de Setembro e cercaram um terço das forças dos 5.º, 37.º e 26.º, assim como parte das forças dos 21.º e 38.º das unidades soviéticas.

«O comando da Frente Sudoeste também partilhou o duro destino dos cercados. Neste combate, que foi conduzido até às últimas consequências, morreu o comandante-em-chefe, coronel-general Kirponóss. O chefe do estado-maior da frente, tenente general Tupikov e o membro do Conselho de Guerra, Comissário de Divisão Ríkov também morreram. O gravemente ferido comandante-em-chefe do exército Potapov e alguns comandantes de divisão foram feitos prisioneiros. O major-general Bagramian, chefe do departamento operativo, conduziu os membros do estado-maior sobreviventes para fora do cerco.»³

O historiador soviético I.B. Berkhine escreveu: *«O Alto Comando alemão lançou dois exércitos do sector central para o Sul, nas costas do grupo de Kiev da Frente Sudoeste. Simultaneamente, tropas inimigas do exército Sul, perto de Kremenchuk, forçaram a passagem do Dniepre e atacaram também na retaguarda da Frente Sudoeste com o objectivo de se unir ao exército do sector central. O inimigo começou a sua operação, que tinha como objectivo cercar as tropas da Frente Sudoeste que defendiam Kiev. Nesta situação era necessário retirar as unidades soviéticas que se encontravam nesta zona. Contudo, o Alto Comando soviético recusou esta proposta do comando da Frente Sudoeste. Só a 17 de Setembro foi concedida a autorização para abandonar Kiev, porém, já era tarde de mais, porque em meados de Setembro duas unidades blindadas do inimigo tinham-se unido no Raion de Romni e aqui se juntaram também unidades de infantaria. A Frente Sudoeste foi cercada e cerca de um terço das suas tropas foram capturadas.»⁴*

O Alto Comando no QG tinha as suas razões para não autorizar uma retirada antecipada de Kiev. Chtemenko ajuizou: *«A batalha de Kiev desempenhou, como a defesa firme de Leningrado, um papel positivo. A unidade blindada 2, prevista para a ofensiva total a Moscovo, sofreu assinaláveis baixas. Para além disso o combate diminuiu a velocidade relâmpago das tropas fascistas na direcção Sudoeste e deu-nos tempo para a preparação da defesa em novos sectores.»⁵*

O Quartel-General soube utilizar este tempo. *«Sob o mais estrito sigilo completou-se, no interior do país, a constituição e formação de exércitos de reserva, cuja existência só era do conhecimento do QG e de alguns poucos oficiais do Estado-Maior, que se ocupavam com isso. Ao mesmo tempo, prepararam-se para a transferência para Oeste, várias divisões bem preparadas da região Transbaikal e do Extremo-Oriente. Rapidamente avançou-se com a fortificação das*

³ Idem, ibidem, p. 35.

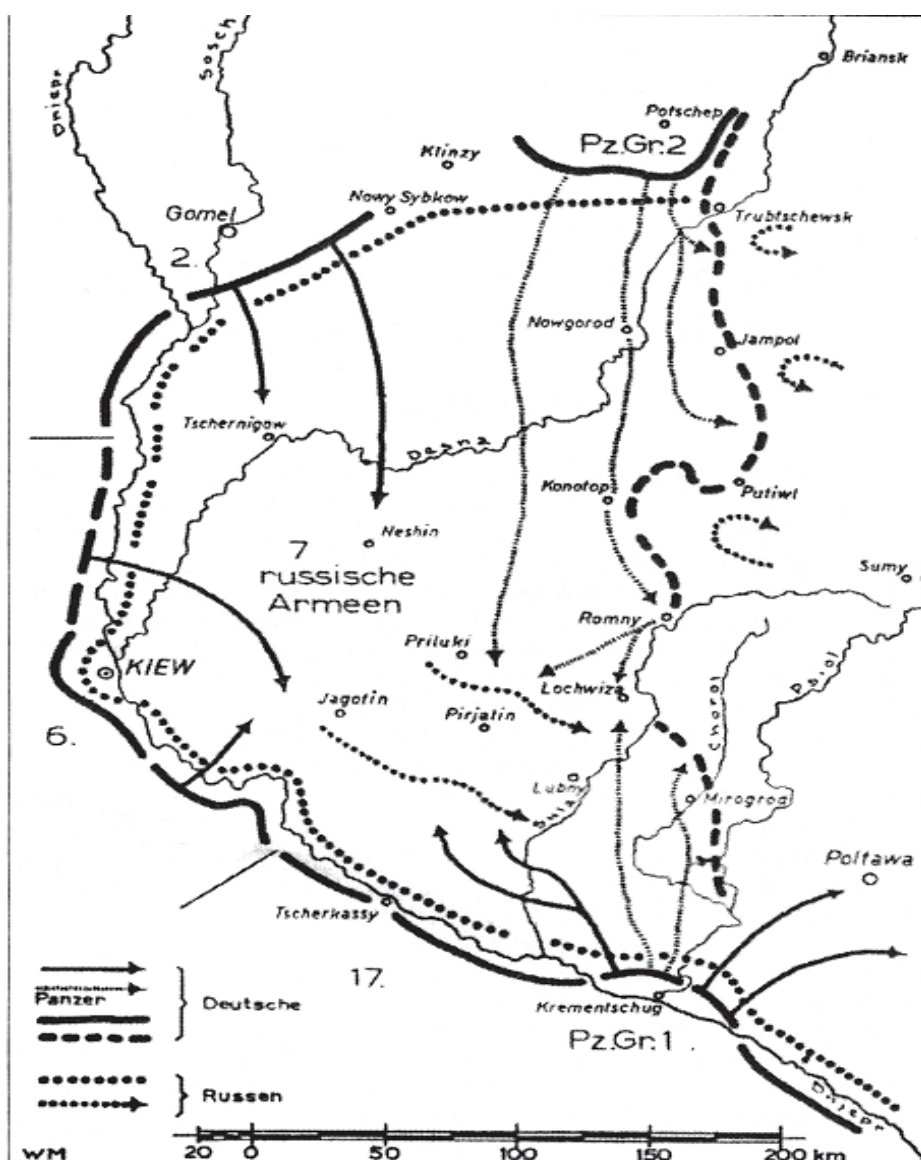
⁴ I. B. Berchin, *Geschichte der UdSSR 1917-1970 (História da URSS 1917-1970)*, Moscovo 1966/Berlim 1971, p. 511.

⁵ Chtemenko, ibidem, p. 36 e seg.

zonas de Viazma e Mojaisk. Criou-se a chamada zona de defesa de Moscovo, que cercava a cidade e os arredores.»⁶

Tippelskirch demonstra compreensão estratégica, quando escreve sobre a batalha de Kiev: «A grandeza do êxito a Leste falava a favor de Hitler. Mas só o fim da campanha militar podia provar se a grandeza da vitória táctica, no campo de batalha, se encontrava na relação certa com a perda de tempo para a continuação das operações. Se o objectivo da campanha não fosse conseguido, então os russos teriam perdido uma batalha, mas ganhado a campanha militar.»⁷

O cerco de Kiev



Fonte: Kurt von Tippelskirch: *Geschichte des Zweiten Weltkrieges (História da II Guerra Mundial)*, Bona, 1959.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 36 e seg.

⁷ Tippelskirch, *ibidem*, p. 201.

E assim aconteceu. O objectivo da campanha militar – a tomada de Leningrado e de Moscovo ainda antes do Inverno e, com isso, o fim da guerra contra a União Soviética – não foi alcançado por Hitler e os seus generais. Stáline tinha perdido uma batalha e ganhado a campanha militar. Júkov informa-nos de como Stáline tomou a decisão.

Houve «*diferentes versões*» sobre a posição do QG, do Estado-Maior, do Alto Comando da Direcção Sudoeste e do Conselho de Guerra da Frente Sudoeste sobre a questão da defesa de Kiev e sobre uma retirada da Frente Sudoeste perante o perigo de cerco no rio Psiol. Júkov reproduziu excertos do telefonema entre Stáline e o Alto Comando da Frente Sudoeste a 8 de Agosto de 1941:

«Stáline: Chegaram-nos informações de que a frente decidiu, de ânimo leve, entregar Kiev ao adversário, supostamente por falta de tropas para a sua defesa. É verdade?»

Coronel-general Kirponóss: Bom dia, camarada Stáline. Não foi informado correctamente. Eu e o Conselho de Guerra da frente tentaremos tudo para não desistirmos de Kiev em nenhuma situação. O adversário atacou o lado Sul da zona fortificada com três divisões de infantaria e apoio aéreo, rompeu-a e formou uma cunha com quatro quilómetros de profundidade. Ontem, o adversário perdeu cerca de quatro mil homens entre mortos e feridos. O combate foi feroz, alguns locais mudaram várias vezes de mão. Para reforço das tropas da zona fortificada, ontem e hoje entraram em acção duas brigadas aéreas e, além disso, mais 30 tanques hoje com a tarefa de destruir as tropas que romperam esta zona e restaurar a situação anterior.

Stáline: Pode afirmar, com segurança, que tomou todas as medidas necessárias para restaurar a situação no sector Sul da zona fortificada? Utilize parte das tropas de outras direcções para reforçar a defesa de Kiev. Penso que, depois da retirada de Muzitchenko,⁸ a sua ofensiva na direcção que conhece perde o seu significado original. Portanto, também terá algumas forças livres, talvez possa com elas reforçar a região à volta de Kiev...

O Comité de Defesa e o Quartel-General pedem-lhe que faça tudo para defender Kiev. Dentro de duas semanas será um pouco mais fácil, porque então temos a possibilidade de o ajudar com novas forças, mas durante estas duas semanas tem de manter Kiev a qualquer preço (...)

Kirponóss: Camarada Stáline, o nosso único objectivo – falo aqui em nome de todo o Conselho de Guerra – é não deixar Kiev nas mãos do inimigo. Tudo o que tivermos disponível será utilizado na defesa, para que cumpramos a tarefa atribuída (...)

Stáline: Muito bem. Os meus cumprimentos. Desejo-lhe êxito. Adeus.

Kirponóss: Agradeço-lhe os votos.»⁹

⁸ **Muzitchenko**, Ivan Nikolaiévitch (1901-1970), soldado no exército tsarista, integra o Exército Vermelho em 1918, onde faz carreira militar. Em Agosto de 1941 o 6.º Exército sob o seu comando é cercado pelas tropas alemãs. Muzitchenko é gravemente ferido e feito prisioneiro, sendo libertado pelas tropas norte-americanas em Abril de 1945. (N. Ed.)

⁹ Júkov, *ibidem*, p. 359, e seg.

A 19 de Agosto, Júkov telegrafou a Stáline:

«O adversário apercebeu-se da forte concentração das nossas tropas na direcção de Moscovo, na Frente Central, e do nosso exército em Velikie Luki, nos seus flancos. Por isso desistiu temporariamente de avançar para Moscovo, passou tropas da frente Oeste e da reserva para a defesa activa e entrou em acção com as suas tropas blindadas e motorizadas contra as frentes Central, Sudoeste e Sul.

A ideia provável do adversário é destruir a Frente Central, avançar para a região Tchernigov-Konotop-Priluki, atacar os exércitos da Frente Sudoeste pelas costas e esmagá-los. Finalmente: ataque principal a Moscovo, contornando as florestas Briansk e avanço para a bacia do Donetsk...

Informei Stáline que considerava apropriado para eliminar esta perigosa intenção, colocar o mais rapidamente possível um grupo importante na região Gluchov-Tchernigov-Konotop e com ele atacar os flancos do inimigo atacante. O nosso grupo tinha de incluir obrigatoriamente 11 a 12 divisões de infantaria; duas a três divisões de cavalaria; pelo menos mil tanques e 400 a 500 aviões. Estas forças podiam ser retiradas à frente no Extremo-Oriente, à zona de defesa e defesa aérea de Moscovo e aos distritos militares interiores.

Foi proposta uma série de medidas ao QG para impedir a manobra do adversário, entre elas a preparação de uma poderosa contra-ofensiva da região de Briansk.

No mesmo dia recebi um telegrama do QG:

“Consideramos correctas as suas considerações sobre um provável avanço dos alemães na direcção de Tchernigov-Konotop-Priluki. O avanço dos alemães (...) significaria o desvio do nosso grupo de Kiev pela margem leste do Dniepre e o cerco dos nossos 3.º e 21.º exércitos (...) Antevendo um tal indesejável caso e para o prevenir, formou-se a Frente de Briansk, com Eriómenko no comando. Além disso serão tomadas outras medidas, de que o informaremos em particular. Esperamos travar o avanço dos alemães.

Stáline. Chapochnikov.”»¹⁰

De uma conversa entre Júkov e Chapochnikov resulta claro que Stáline concordou em *«retirar uma parte das tropas do flanco direito da Frente Sudoeste para a margem leste do Dniepre. O grupo de Kiev devia, contudo, continuar a defender os acessos a Kiev, que se pretendia manter até esgotar todas as possibilidades»*.¹¹

Chapochnikov explicou a Júkov que a nova Frente de Briansk, sob o comando do tenente-general Eriómenko, não podia sustentar um avanço das tropas alemãs na Frente Central (direcção de Moscovo, UH).

¹⁰ Idem, ibidem, p. 361.

¹¹ Idem, ibidem, p. 362.

«O tenente-general Eriómenko, todavia, prometeu numa conversa com Stáline derrotar estes grupos na Frente Central e impedir o seu avanço nos flancos e na retaguarda da Frente Sudoeste.»¹²

Chapochnikov e Júkov duvidavam do êxito de Eriómenko. Júkov considerou ser *«necessário urgentemente convencer o Comandante Supremo de que todas as tropas do flanco direito da Frente Sudoeste, além do Dniepre, tinham de ser retiradas.»*

Stáline declarou que se tinha aconselhado com Khruchov e Kirponóss, que o tinham convencido de *«que não se podia desistir de Kiev em nenhuma circunstância»*. Mesmo que Eriómenko não tivesse capacidade para derrotar o adversário, iria, sem dúvida, sustê-lo.

De uma conversa entre Júkov e Stáline, a 8 de Setembro, ressalta que Stáline tinha de novo aconselhado *«retirar o conjunto das tropas em Kiev para a margem leste do Dniepre e com as suas forças constituir a reserva na região de Konotop.»*

Segundo um telefonema entre Stáline e Chapochnikov, Stáline queria debater de novo a questão no dia seguinte. A 11 de Setembro realizou-se a conversa com o Conselho de Guerra da Frente. Participaram Kirponóss, Burmistenko, Zupilov do Conselho de Guerra; Stáline, Chapochnikov, Timochenko do QG. Eis o desenrolar cronológico da conversa:

«I.V. Stáline: A sua proposta de retirar as tropas para a linha do rio seu conhecido, parece-me perigosa.

Na actual situação na margem leste do Dniepre, a sua proposta de retirada significaria o seu cerco, já que o adversário não atacará só de Konotop, ou seja, do Norte, mas também do Sul, ou seja de Kremenchug, assim como de Oeste, porque, na retirada das nossas tropas do Dniepre, ocupará imediatamente a margem leste e podendo iniciar o ataque. Se o grupo de Konotop se unir ao de Kremenchug, ficará cercado.

Como vê, as suas propostas de retirar imediatamente as tropas, ainda antes de ter preparado uma defesa em Psiol, são muito perigosas. Isto em primeiro lugar. E em segundo: sem ataques ousados contra o grupo adversário de Konotop, em conjunto com a Frente de Briansk – repito: sem estas condições as suas propostas de retirada são perigosas e podem conduzir a uma catástrofe. Que saídas há? Uma saída podia ser a seguinte: 1.º) As forças devem ser imediatamente reagrupadas mesmo à custa da zona fortificada de Kiev e outras tropas, para além disso, ataques contra o grupo adversário de Konotop em conjunto com Eriómenko, devendo concentrar-se nesta zona 9/10 da força aérea. Eriómenko já recebeu as devidas instruções. Mas transferimos hoje a força aérea de Petrov, através de uma ordem especial, para Kharkov e subordinamo-la à [Frente] Sudoeste. 2.º) Em Psiol, ou nesta linha, deve constituir-se imediatamente uma defesa, entrando em acção um grande grupo de artilharia com a frente para o Norte e Oeste e estacionar cinco a seis divisões atrás desta linha. 3.º) Depois da concentração das forças de ataque contra o grupo adversário de

¹² Idem, ibidem.

Konotop e da construção da defesa em Psiol – só depois destas medidas se deve iniciar a retirada de Kiev e preparar minuciosamente as pontes para a sua explosão.

No Dniepre não devem ser deixados nenhuns meios de transporte, têm de ser destruídos; depois da saída de Kiev as tropas devem manter-se na margem leste e não deixar o adversário atravessar.

Deve finalmente desistir-se de procurar linhas para a retirada, mas sim procurar possibilidades para a resistência e só para a resistência.

Kirponóss: Não tínhamos pensado numa retirada das tropas até termos sido instados a dar a nossa opinião sobre a retirada das tropas para Leste e indicar as respectivas linhas. Só pedimos para reforçar a nossa Frente com reservas, dados os seus 800 quilómetros de comprimento. De acordo com as instruções do Quartel-General do Alto Comando, que recebemos na noite de 10 para 11 de Setembro, serão retiradas duas divisões de artilharia e transferidas de comboio para Konotop. Têm a tarefa de, juntamente com os exércitos de Podlas e Kuznetsov, destruir o grupo motorizado do adversário que rompeu na direcção de Romni. Na nossa opinião, por enquanto não devem ser retiradas mais tropas da zona fortificada de Kiev, porque daí já foram retiradas duas divisões e meia para Tchernigov. Da zona fortificada de Kiev já só se pode retirar uma parte da artilharia.

As instruções do Quartel-General do Alto Comando, agora mesmo recebidas, serão imediatamente cumpridas.

Stáline: 1.º) As propostas de retirada das tropas da Frente Sudoeste são suas e de Budiónni, o comandante da Direcção Sudoeste. Eu transmito resumidamente a informação de Budiónni de [dia] 11.

Chapochnikov referiu que o QG do Alto Comando considera prematura, por agora, a retirada das tropas da Frente Sudoeste. Mas não tendo o QG do Alto Comando, neste momento, qualquer possibilidade de concentrar um poderoso grupo, então considera urgente a retirada da Frente Sudoeste.

Como vê, Chapochnikov é contra a retirada das tropas, mas o comandante-chefe assim como a Frente Sudoeste foram pela retirada imediata das tropas.

2.º) Informe-nos permanentemente sobre as medidas para concentração de forças contra o grupo do adversário em Konotop e para preparação de posições de defesa nas conhecidas linhas.

3.º) Sem autorização do QG, Kiev não pode ser abandonada e as pontes não podem ser destruídas.

Adeus.

Kirponóss: As suas instruções são claras. Adeus.»

Depois da conversa, Júkov ainda consultou Vassilevski, 1.º representante do Chefe do Estado-Maior, que foi da opinião de que «*a retirada das tropas para além do Dniepre já foi tarde.*»¹³

Das conversas protocoladas ressalta claramente que Stáline não deu ordens autocráticas, voluntaristas. Ele aconselhou-se minuciosamente. Mas as opiniões eram diferentes e mesmo depois da guerra a situação teve avaliações diversas. Stáline era o Comandante Supremo, tinha de tomar decisões e assumir assim a responsabilidade por uma derrota evitável ou por «*ter perdido uma batalha, mas ganhado a guerra*».

Sessenta e seis anos depois, somos todos muito espertos!

Moscovo **Stáline – Júkov – Rokossóvski** **Carácter e ordens**

A 30 de Setembro de 1941, as tropas fascistas alemãs iniciaram o ataque a Moscovo. Quatro semanas depois, nos finais de Outubro, pararam na linha Kalínine – Volokolamsk – Naro – Fominski, assim como frente a Tula.¹⁴

As tropas alemãs tinham sofrido pesadas baixas. Depois de um novo reagrupamento das suas forças, reiniciaram a ofensiva em meados de Novembro. Tropas do Exército Vermelho levaram a cabo contra-ataques. Na Frente Sul, o 1.º exército blindado de von Kleist sofreu uma derrota, que conduziu à libertação de Rostov, na Frente de Volkhov as unidades soviéticas puderam reconquistar o importante nó ferroviário de Tikhvin.

O QG dirigia directamente a Frente em redor de Moscovo. Stáline estava em contacto telefónico permanente com o comandante. Apesar de estar engripado, trabalhava em casa.

Júkov relata um «*telefonema não muito agradável*» com Stáline, em Novembro. O QG (e Júkov também) esperava o ataque principal a Moscovo na zona de Volokolamsk. Guderian contornava Tula e investia em Kachira.

Até aqui as opiniões coincidem. Stáline e Chapochnikov queriam «*impedir através de contra-ataques preventivos as investidas em preparação do adversário*». Um destes contra-ataques devia ocorrer na zona de Volokolamsk e outro na zona de Serpukhov, porque, segundo Stáline, «*concentram-se aí forças poderosas para atacarem Moscovo*».

Júkov era contra: «*A Frente Ocidental não tem forças disponíveis. Só nos podemos defender.*» A Frente Oeste era muito longa. Com todas as baías tinha mais de 600 quilómetros. Também tinham «*muito poucas reservas na retaguarda.*» «*A questão dos contra-ataques está decidida. Informe-me ainda esta noite sobre os seus planos*», interrompeu Stáline a conversa telefónica.

¹³ Idem, ibidem, p. 364-367.

¹⁴ Júkov, ibidem, p. 408 e seg.

Segundo Júkov, os contra-ataques ordenados por Stáline «*não trouxeram o resultado esperado pelo Comandante Supremo. O adversário era ainda suficientemente forte e o seu espírito ofensivo ainda não estava quebrado.*»¹⁵

De acordo com Júkov, a decisão de Stáline foi errada.

E Júkov não cometeu erros?

O tenente-general Rokossóvski, comandante-chefe do 16.º Exército, que se encontrava a Noroeste de Moscovo em combate contra poderosas unidades alemãs, relatou que os combates proliferavam no centro e no flanco esquerdo, 10 a 12 quilómetros a Oeste do açude do Istra. Ele queria levar de volta as tropas para linha do Istra, rio e açude, onde podia construir uma forte defesa antes de o adversário «*o lançar para trás e, irrompendo, forçar o rio e o açude.*»

O 16.º Exército teve pesadas baixas em forças e meios, as pessoas ainda capazes de entrar em acção estavam «*completamente esgotadas*». Contudo, Júkov, que era o comandante-chefe da Frente, recusou a proposta de Rokossóvski e ordenou «*não recuar nem um passo e lutar até ao último homem.*»

Rokossóvski considerava que tal ordem seria «*justificada, se com isso pudesse poupar a maioria da ruína, mudar uma situação difícil ou assegurar o êxito total. Mas no nosso caso não havia mais tropas atrás do 16.º Exército. Se as tropas que se defendiam fossem destruídas, o caminho para Moscovo estaria aberto e o adversário teria alcançado o seu objectivo. Por isso considerei absolutamente necessário voltar para a linha do Istra.*»

Rokossóvski considerou ser seu dever, enquanto comandante e comunista, não aceitar a decisão de Júkov, comandante-chefe da Frente, e dirigiu-se ao chefe do Estado-Maior, marechal Chapochnikov, que aprovou a decisão de Rokossóvski.

Em seguida, Rokossóvski deu ordem para as forças voltarem para a linha Istra, na qual o adversário podia partir os dentes. Porém, pouco tempo depois, chegou um telex de Júkov: «*Sou eu quem comanda as tropas da Frente. Com este telex anulo a ordem de recuar as tropas para trás do açude do Istra. Ordeno a defesa da linha ocupada e nem um passo atrás. Júkov. General.*»¹⁶

Rokossóvski tinha de obedecer à ordem. Eis o resultado da intervenção de Júkov: «*Como previsto, o adversário pressionou as nossas tropas no flanco esquerdo para Leste, forçou o Istra com esse movimento e construiu a cabeça-de-ponte na sua margem leste. Mas a Sul do açude do Volga, rompeu a defesa (...) avançou rapidamente com unidades motorizadas e blindadas e alargou a brecha*»¹⁷

As tropas alemãs aproximaram-se alguns quilómetros de Moscovo.

Não se trata aqui de «*compensações*», mas sim de constatar que não foi só Stáline que cometeu erros, outros também os cometeram, nomeadamente Júkov. Na guerra, decisões erradas são inevitáveis. Stáline, Júkov, Rokossóvski eram personalidades fortes e comandantes qualificados. Às vezes as relações entre eles eram bastante ásperas. Não facilitaram reciprocamente as suas vidas.

¹⁵ Júkov, *ibidem*, p. 408 e seg.

¹⁶ Rokossóvski, *ibidem*, p. 106.

¹⁷ *Idem*, *ibidem*, pp. 104-106.

«O mundo inteiro olha para vós...»

Neste tempo carregado de tensão e pleno de decisões difíceis, entre a defesa contra a ofensiva das tropas fascistas alemãs a Moscovo, a 30 de Setembro, e o início da segunda ofensiva, em meados de Novembro, comemorou-se o 24.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Como nos anos anteriores, a cerimónia oficial realizou-se a 6 de Novembro, todavia não decorreu no teatro Bolchoi como habitualmente, mas sim na estação de metro Maiakóvskaja. E apesar de Moscovo estar sob ameaça, na manhã de 7 de Novembro teve lugar a tradicional parada militar na Praça Vermelha. Como escreveu Chtemenko ela foi «*preparada em rigoroso segredo. Mesmo os participantes desconheciam o objectivo do treino. A maioria pensava que se tratava apenas da concentração das unidades antes de partirem para a frente. O tenente-general Artemiev, comandante-chefe das tropas do distrito militar de Moscovo e da zona de defesa de Moscovo, foi o comandante da parada.*» Foi sem dúvida «*uma parada sem precedentes na história*». ¹⁸

Na sessão comemorativa conjunta do Soviete dos Trabalhadores moscovita e organizações sociais e do Partido de Moscovo, Stáline apresentou o relatório sobre o desenrolar da guerra até essa data e as tarefas a cumprir. ¹⁹

Na sessão comemorativa teria sido normal apresentar uma retrospectiva sobre os sucessos alcançados na construção pacífica. Mas o ano decorrido não fora só um ano da construção pacífica, mas também um ano da guerra contra o invasor alemão, que invadira a URSS faltando à sua palavra.

A guerra tornara-se assim um momento de viragem no desenvolvimento do país. «*O período da construção pacífica terminou. Iniciou-se o período da guerra de libertação contra o invasor alemão.*» ²⁰ Quatro meses depois do início da guerra, Stáline teve de sublinhar que, com o deflagrar da guerra, o país corria grande perigo. O inimigo «*ocupou uma grande parte da Ucrânia, Bielorrússia, Moldávia, Lituânia, Letónia e Estónia e uma série de outras regiões. Invadiu a região de Donetsk, avizinhou-se, como uma nuvem negra de Leningrado e ameaça Moscovo a nossa gloriosa capital. Os invasores fascistas alemães saqueiam o nosso país (...) As hordas de Hitler assassinam e violam os habitantes pacíficos do nosso país (...) Os nossos irmãos, nas regiões ocupadas do nosso país, gemem sob o jugo do opressor alemão.*» ²¹

Stáline comparou as baixas do Exército Vermelho com as da *Wehrmacht* alemã. De acordo com essas informações, o Exército Vermelho sofrera 350 mil mortos, 378 mil desaparecidos, um milhão e 20 mil feridos. No mesmo período

¹⁸ Chtemenko, Vol I, p. 40.

¹⁹ SW 14/214-258.

²⁰ Idem, ibidem, p. 244.

²¹ Idem, ibidem.

de tempo, as tropas alemãs tinham sofrido baixas de superiores a 4,5 milhões, incluindo mortos, feridos e prisioneiros.²²

Mesmo que estes números, de que Stáline dispunha através de informações incompletas, não coincidam totalmente com informações posteriores mais exactas, mantém-se importante a conclusão retirada por Stáline de que as reservas humanas alemãs «*estão a esgotar-se*», de que a Alemanha «*em resultado destes quatro meses de guerra está significativamente mais fraca do que a União Soviética, cujas reservas só agora se apresentam em toda a sua dimensão.*»²³ Stáline tratou pormenorizadamente as razões por que a «*guerra relâmpago*» tivera êxito no ocidente e fracassara na União Soviética.

Os fascistas tinham contado «*seriamente*» com «*uma coligação geral contra a URSS*». O seu jogo «*com as contradições de classe em cada Estado assim como entre Estados e a União Soviética*» teve resultados em França, «*cujos detentores do poder se deixaram assustar com o espectro da revolução e, no seu medo, depuseram o seu país aos pés de Hitler e abdicaram da resistência*». O mesmo jogo dos fascistas fracassou perante os EUA e a Grã-Bretanha. A URSS não só não estava isolada, como ganhou novos aliados na Grã-Bretanha, nos EUA e nos países ocupados pelos alemães. O «*espectro da revolução*» já não servia mais na nova situação.²⁴

Os alemães duvidavam da solidez do regime soviético e do interior [do país] e acreditavam que a URSS cairia depois do primeiro ataque sério. Especulavam com conflitos entre operários e camponeses, disputas entre os povos da URSS, insurreições, com a decadência do país.

O regime soviético demonstrou ser estável, «*o regime soviético é hoje o mais estável de todos os regimes*».²⁵

Para além disso, os alemães haviam-se enganado sobre o Exército Vermelho e a Frota Vermelha, subestimando a sua capacidade. «*Naturalmente que o nosso exército e a nossa frota ainda são jovens, estão em guerra apenas há quatro meses, ainda não puderam transformar-se em tropas de elite, e defrontam as tropas de elite da frota e do exército alemãs, que estão em guerra há dois anos.*» Além disso «*o moral das nossas tropas é superior*», pois defendem a sua pátria contra invasores estrangeiros, enquanto o exército alemão conduz uma guerra de conquista.²⁶

Segue-se a referência ao papel da retaguarda. Na sua marcha para o interior da URSS, o exército alemão estava a afastar-se cada vez mais da retaguarda da sua pátria, operava numa região hostil e era obrigado a criar uma nova retaguarda num país estrangeiro, que estava a ser destruída pelos *partisans*. Pelo contrário,

²² Idem, ibidem, p. 245. Deve ter-se em consideração que estes números são um cálculo aproximado. Nesta altura ainda não era possível dispor de números exactos. Facto é que ambos os lados sofreram pesadas baixas nos primeiros quatro meses de guerra.

²³ Idem, ibidem.

²⁴ Idem, ibidem, p. 246. Os EUA, em Novembro de 1941, ainda não se encontrava oficialmente em guerra contra as potências do Eixo.

²⁵ Idem, ibidem, p. 247.

²⁶ Idem, ibidem.

o Exército Vermelho «*opera na sua região natal*», recebe o apoio da sua retaguarda, pode contar com «*reabastecimento e reforços em pessoas, munições e bens alimentares.*»

«*Todas estas circunstâncias foram determinantes para que a guerra relâmpago tivesse inevitavelmente que fracassar*». ²⁷

A par das condições favoráveis a longo prazo para o Exército Vermelho, também havia condições desfavoráveis. Em primeiro lugar, Stáline referiu a não existência de uma segunda frente na Europa. Os alemães consideravam a sua retaguarda oeste segura e tinham tido a possibilidade de utilizar todas as suas tropas e as dos seus aliados na Europa contra a URSS. A consequência era que «*o nosso país conduz sozinho a guerra de libertação, sem ter ajuda militar de ninguém, contra as forças unidas de alemães, finlandeses, romenos, italianos e húngaros*». Não se devia duvidar de que a inexistência de uma segunda frente na Europa contra os alemães significava um grande alívio para os alemães. Stáline estava certo de que «*uma tal frente deverá inevitavelmente surgir nos próximos tempos.*» ²⁸

Desde este discurso, Stáline instou sempre os parceiros anglo-americanos da coligação a abrir a segunda frente.

Outro motivo para os reveses sofridos pelas tropas soviéticas, segundo Stáline, era a superioridade numérica dos tanques alemães, apesar de os soviéticos serem qualitativamente superiores. ²⁹ Se a primeira afirmação é verdadeira, a qualidade superior dos tanques soviéticos só se verificava nos tanques de novo tipo, entre eles o famoso T34, o qual, nesta altura, ainda não podia ser fornecido nas quantidades necessárias ao Exército Vermelho. Assim, seguia-se o pedido «*de aumentar muito mais a produção de tanques no nosso país*», o mesmo para a produção de aviões antitanques, fuzis antitanque, canhões antitanque, granadas antitanque e lança-granadas. Devia construir-se mais fossos antitanques e outros obstáculos de todo o género.

Stáline observou ainda que «*os adeptos de Hitler, que nós chamamos de fascistas (...) intitulam-se obstinadamente “nacional-socialistas”*». Na verdade, explicou, não são nacionalistas, mas sim imperialistas. No período em que procuravam juntar solo alemão, ao anexarem a região do Reno, a Áustria e etc., ainda podiam ser considerados, «*com algum fundamento*», nacionalistas. Mas depois de os hitlerianos terem ocupado territórios estrangeiros e subjugado nações europeias, ambicionando dominar o mundo, o partido de Hitler «*deixou de ser um partido nacionalista (...) tornou-se num partido imperialista e anexionista opressor*».

Stáline caracterizou o NSDAP como «*um partido de imperialistas, dos mais rapaces e predatórios de todos os imperialistas do mundo.*»

²⁷ Idem, ibidem, p. 248. Stáline tinha dado muita atenção à questão da retaguarda nos seus trabalhos político-militares durante a guerra civil e de intervenção. Os conhecimentos alcançados nesta época foram-lhe muito úteis. Veja Capítulo I, U. Huar.

²⁸ Idem, ibidem, p. 249.

²⁹ Idem, ibidem, p. 250.

Do mesmo modo, os adeptos de Hitler não eram socialistas, mas sim «*jurados inimigos do socialismo*», os piores reaccionários e trucidadores, que privaram «a classe operária e os povos da Europa das *liberdades democráticas*. O partido de Hitler é um partido de inimigos das elementares liberdades democráticas». O NSDAP era «*um partido da reacção medieval e de sinistros pogroms*.»

«E se estes astutos imperialistas e reaccionários cruéis continuam a disfarçar-se com a toga de “nacionalistas” e “socialistas”, fazem-no para enganar o povo, iludir simplórios, e encobrir com a bandeira do “nacionalismo” e do “socialismo” a sua essência imperialista predadora.

Corvos que se disfarçam com penas de pavão. Mas por mais penas de pavão com que se cubram não deixam por isso de ser corvos.

“Temos de conseguir, por quaisquer meios, que o mundo seja conquistado pelos alemães” – declarou Hitler. “Se queremos criar o nosso grande Reich alemão, então temos, antes de mais, de expulsar e exterminar os povos eslavos: os russos, os polacos, os checos, os eslovacos, os búlgaros, os ucranianos, os bielorrussos. Não há nenhuma razão para o não fazer”.

“O ser humano” – declarou Hitler – “é pecador desde o nascimento e só pode ser dirigido com a ajuda da violência. Todos os métodos são permitidos no trato com ele. Se a política o exigir, tem de se mentir, atraiçoar e até assassinar”.

“Matai todos os que são contra nós, matai, matai, não sois vós que tereis de assumir a responsabilidade, mas sim eu, por isso matai!” – declarou Göring.

“Eu liberto o ser humano da humilhante quimera chamada consciência. A consciência tal como a educação mutilam o ser humano. Eu tenho a vantagem de não me deixar inibir por nenhuma consideração teórica ou de ordem moral”.

Numa das ordens ao comando alemão do regimento de infantaria 489, com data de 25 de Setembro, encontrada num sargento alemão morto em combate, afirma-se:

“Ordeno que se dispare sobre qualquer russo que apareça a 600 metros de distância. O russo tem de saber que tem perante si um inimigo determinado, do qual não deve esperar nenhuma indulgência.”

Num dos apelos do Alto Comando alemão aos soldados, encontrado na posse do tenente morto em combate, Gustav Ziegel, de Frankfurt sobre o Meno, declara-se:

“Não tenhas nem coração nem nervos, que não são precisos na guerra. Destrói em ti a piedade e a compaixão – mata todos os russos soviéticos, não te detenhas mesmo que tenhas perante ti um velho ou uma mulher, uma criança, rapariga ou rapaz – mata, assim salvas-te a ti da morte, asseguras o futuro da tua família e alcanças fama eterna.”

Eis o programa e as ordens dos dirigentes do partido de Hitler e do Alto comando nazi, o programa e ordens de pessoas que perderam todo e qualquer rosto humano e desceram ao nível de bestas ferozes.

E esta gente, destituída da consciência e da honra, gente com uma moral de animais selvagens, têm a ousadia de apelar à destruição da grande nação russa,

a nação de Plekhánov e de Lénine, de Belinski e Tchenitchevski, de Púschkine e de Tolstoi, de Répine e Surikov, de Suvorov e Kutuzov!...

Os agressores alemães querem uma guerra de extermínio contra os povos da URSS. Pois então, se os alemães querem uma guerra de extermínio, tê-la-ão.»³⁰

No entanto, Stáline considerou que a inevitável derrota dos agressores hitlerianos e dos seus exércitos seria determinada não apenas por factores morais.

«Existem ainda três factores essenciais, cuja força cresce de dia para dia e deverão conduzir num futuro breve à derrocada inevitável do imperialismo hitleriano.»

Estes factores são: primeiro, a fragilidade da retaguarda europeia da Alemanha; segundo, a fragilidade da retaguarda alemã; e, terceiro, *«a coligação da URSS, Grã-Bretanha e dos EUA contra o imperialismo fascista alemão.»³¹*

Quando Stáline refere, no segundo ponto, a fragilidade da retaguarda alemã, ela só se verificava muito parcialmente. Registavam-se manifestações de cansaço depois do fracasso da guerra relâmpago contra a URSS, do rápido aumento de notícias da frente germano-soviética que davam conta de um número cada vez maior de mortos, atingindo cada vez mais famílias. Os movimentos de resistência das forças antifascistas alemãs, principalmente do KPD (PC da Alemanha), aumentavam. Depois de Stalingrado também houve novas orientações no interior da elite dirigente do capital monopolista, que reconheceram que Hitler não podia realizar as suas ambições de apropriação do petróleo, cereais e minérios russos e reflectiram sobre uma paz separada com o Ocidente. Hitler tinha de sair de cena para ser atingido este objectivo, já que com ele as potências ocidentais não podiam assinar a paz. O atentado de 20 de Julho de 1944, respeitando a coragem pessoal das pessoas envolvidas, nomeadamente o conde Stauffenberg, devia abrir este caminho. Mas a retaguarda alemã não representava nenhum *«vulcão»*, como pensava Stáline em Novembro de 1941.

Os crimes da *Wehrmacht* fascista – não só das SS – contra a população soviética provocaram entre os soldados alemães medo de retaliações. A propaganda antibolchevique de Goebbels teve consequências devastadoras, mesmo depois da derrota de 1945, na maioria do povo alemão e envenena ainda hoje o jornalismo nos *media*, o pensamento e sensibilidade da maioria dos trabalhadores na Alemanha. O anticomunismo, *«a tolice maior da nossa época»* (Thomas Mann), especialmente o antibolchevismo desde 1917, é a causa essencial da ideologia burguesa e social-democrata, e permanece eficaz até aos nossos dias.

Entre os objectivos de guerra da União Soviética, Stáline referiu em primeiro lugar a libertação dos *«nossos territórios e dos nossos povos do jugo alemão»*. Seguiu-se o objectivo de ajudar os povos eslavos e outros povos europeus oprimidos pelos fascistas *«na sua luta de libertação contra a tirania hitleriana e depois proporcionar-lhes que se organizassem em plena liberdade nos seus territórios*

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ Idem, *ibidem*, pp. 254-256.

*como quiserem. Sem qualquer ingerência nos assuntos internos dos outros povos!».*³²

Esta frase é importante! Stáline não tencionava impor o socialismo aos outros povos. A revolução socialista não é nenhum artigo de exportação. Stáline, enquanto marxista-leninista sabia que não se pode «*impor a felicidade de fora*» a um povo, como Engels escreveu a Kautsky, a 12 de Setembro de 1882.³³ A última frase era aparentemente dirigida – preventivamente? – contra as intenções dos parceiros capitalistas da coligação. Stáline sinalizava que não toleraria uma «*ingerência*» externa. Pelo menos conhecia os desejos do Sr. Churchill, como chamava educadamente ao seu parceiro de coligação britânico. Tais receios não eram, como veremos mais à frente, infundados. O aspecto ideológico da guerra tinha passado para segundo plano, mas não desaparecido.

O relatório apresentado na sessão solene e o discurso de 7 de Novembro durante a parada das tropas do Exército Vermelho tiveram um efeito fortemente mobilizador nas massas e simultaneamente um forte efeito internacional.³⁴

«*O apelo de Stáline em nome do Partido e do Governo soviético ecoa a rebate por todo o país*», escreveu Chtemenko.³⁵ Stáline terminou a o seu discurso na parada na Praça Vermelha com frases que se tornaram mundialmente famosas:

«Camaradas do Exército Vermelho e marinheiros da Frota Vermelha, comandantes e funcionários políticos, guerrilheiros e guerrilheiras! O mundo inteiro olha-vos como a força capaz de destruir as hordas predadoras dos invasores alemães. Olham-vos como os seus libertadores os povos escravizados da Europa, que caíram sob o jugo dos ocupantes alemães. Sobre vós recaiu a grandiosa missão libertadora. Sede dignos dessa missão! A guerra que conduzis é uma guerra de libertação, uma guerra justa. Que vos inspirem nesta guerra os exemplos heróicos dos vossos corajosos antepassados – Alexander Névski, Dmitri Donskoi, Kuzma Minin, Dmitri Pojárski, Alexander Suvorov, Mikhail Kutuzov! Que vos cubra o estandarte vitorioso do grande Lénine!

Pela derrota total dos invasores alemães!

Morte aos ocupantes alemães!

Viva a nossa pátria gloriosa, a sua liberdade, a sua independência!

*Sob o estandarte de Lénine – avante para a vitória!»*³⁶

³² Idem, ibidem, p. 257.

³³ MEW 35/358.

³⁴ Júkov, ibidem, p. 408.

³⁵ Chtemenko, tomo I, ibidem, p. 41

³⁶ SW 14/261.